HISTÓRIAS EM REDES

N.6/2025

ROTEIROS HISTÓRICOS TURÍSTICOS



2ª Edição

REVISTA E AMPLIADA

HISTÓRIAS EM REDES
N.2/2021
ROTEIROS HISTÓRICOS TURÍSTICOS

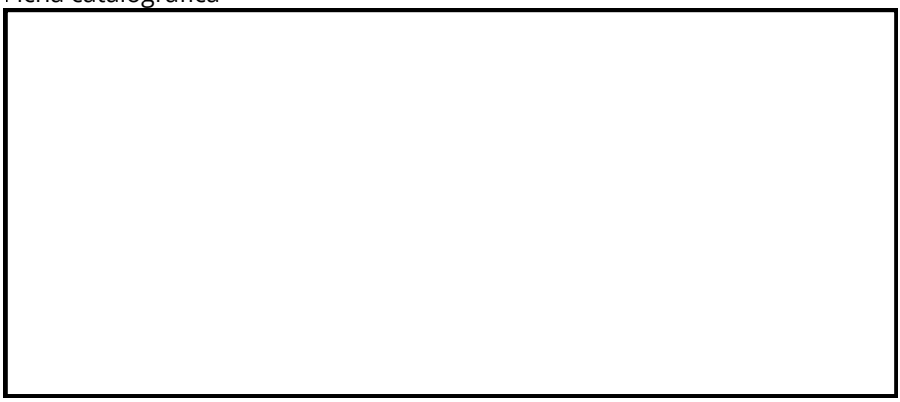
EMANOEL RICARDO MARIA
VITÓRIA AZEVEDO DA FONSECA

Rota da Tipografia

2ª Edição

n.6/2025

Ficha catalográfica



Sumário

Apresentação 05
Encarte: Roteiro Rota da Tipografia.....07
Mapa Panorama do roteiro 18
Entenda o roteiro histórico turístico 23
Entenda a sinalização 25
O que é Histórias em Redes 26
Acesse (QR codes) 27
Como usar este material 28

Colaboraram com este volume:

Narrativa do roteiro: Emanoel Ricardo Maria
Orientação: Vitória Azevedo da Fonseca
Design Gráfico: Vitória Azevedo da Fonseca

Roteiro elaborado como produto final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciencias Humanas, Mestrado Interdisciplinar Profissional em Ciências Humanas da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades - FIH / PPGCH da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito à obtenção do grau de Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Apresentação

Esta publicação faz parte do projeto **Histórias em Redes.** Aqui, você encontra a proposta do roteiro intitulado **Rota da Tipografia**, desenvolvido por Emanoel Ricardo Maria, sob orientação da Prof.ª Dr.ª Vitória Azevedo da Fonseca e apresentado como produto final do Mestrado Interdisciplinar Profissional em Ciências Humanas da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

A **Rota da Tipografia** narra a saga da chegada da imponente i**mpressora francesa E. Durand Paris**, via transporte ferroviário, e sua descida heroica até o Museu Tipografia Pão de Santo Antônio. É uma jornada que expõe as tensões entre a modernidade — representada pela "cidade alta" e pela máquina — e a tradição colonial da "cidade baixa", com suas ruas de pedra e carros de boi.

No percurso, você vai conhecer as histórias da cidade, o legado do educador e jornalista José Augusto Neves e as origens de um dos poucos museus tipográficos da América Latina que mantém viva a arte da impressão.

Venha com a gente conhecer essa história.

A Rota da Tipografia: Uma Viagem entre a Ferrovia e o Prelo

A **Rota da Tipografia** é um roteiro histórico-turístico pelas ruas de Diamantina, Minas Gerais, que convida o caminhante a refazer um trajeto quase épico. O passeio começa na antiga Estação Ferroviária, local de chegada da impressora francesa "**E. Durand, Paris – Système Wibart"**, e percorre o caminho que essa máquina de 5 toneladas deve ter trilhado até seu destino final: o **Museu Tipografia Pão de Santo Antônio**.

O destino da rota é o **Recolhimento dos Pobres do Pão de Santo Antônio** (atual Associação), fundado em 19 de outubro de 1902. A instituição nasceu com o objetivo de acolher os desamparados após a abolição da escravidão, possuindo uma trajetória singular no contexto social da cidade.

Atualmente, abriga um dos poucos museus de tipografia da América Latina, preservando o acervo da antiga gráfica fundada pelo professor e jornalista José Augusto Neves para financiar suas obras sociais e políticas.

continua na página 23

HISTÓRIAS EM REDES

Informações:

- Percurso: 2 km
- Duração: 2 horas
- Dificuldade: Média

ROTA DA TIPOGRAFIA



UFVJM
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Colaboraram com este volume:

Narrativa do roteiro: Emanoel Ricardo Maria
Orientação: Vitória Azevedo da Fonseca
Design Gráfico: Vitória Azevedo da Fonseca

Roteiro elaborado como produto final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciencias Humanas, Mestrado Interdisciplinar Profissional em Ciências Humanas da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades - FIH / PPGCH da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito à obtenção do grau de Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas.

ROTA DA TIPOGRAFIA



ROTA DA TIPOGRAFIA



ROTA DA TIPOGRAFIA



Situado na parte alta da cidade, o Largo Dom João, antigo "Largo do Curral", foi historicamente uma área de pastagem e apoio para tropeiros. Sua reurbanização para receber a Estação Ferroviária em 1914 simbolizou a ruptura com o isolamento geográfico de Diamantina. Este ponto representa a "Cidade Alta", o epicentro geográfico da modernidade e do progresso republicano, que olhava para o futuro em oposição à "Cidade Baixa", guardiã das tradições coloniais.



José Augusto Neves atuou diretamente como um dos principais articuladores técnicos e políticos para a construção do Ramal de Curralinho. Neves utilizou a imprensa local para criar um discurso de urgência sobre o "isolamento" da cidade, pressionando o governo federal a investir na ferrovia como dívida histórica com a região.

1. ESTAÇÃO FERROVIÁRIA



Foi neste pátio, por volta de 1920, que desembarcou a impressora francesa *E. Durand Paris – Système Wibart.* Com peso estimado de 5 toneladas e vinda de Belo Horizonte, sua chegada só foi possível graças à infraestrutura ferroviária pela qual José Augusto Neves tanto lutou. Aqui reside o primeiro paradoxo: fabricada em 1862, a máquina já era tecnologicamente "velha" para os padrões industriais globais da época. No entanto, ao desembarcar em Diamantina, ela representava o "novo" e revolucionário para a imprensa local, prometendo acelerar o tempo da comunicação em uma cidade ainda marcada pelo ritmo lento das tropas.



ROTA DA TIPOGRAFIA

2. RUA DAS MERCÊS



A topografia da Rua das Mercês representou o primeiro grande obstáculo técnico para o transporte da impressora. O calçamento irregular exigiu o uso de carros de boi — o único meio de transporte capaz de suportar a carga pesada em declive acentuado —, criando um contraste visual entre a tecnologia industrial da máquina e a tração animal tradicional.



Neste trecho, visualiza-se fisicamente a descida da modernidade (vinda da Estação/Cidade Alta) em direção à tradição (o núcleo histórico/Cidade Baixa). A máquina E. Durand, símbolo da era industrial e da reprodutibilidade técnica, precisa ser arrastada sobre as pedras coloniais, numa fricção literal entre o desejo de progresso e a geografia herdada do século XVIII.

.

Historicamente denominada "Rua de Cima que vai para o Arraial de Baixo" (1735-1752), esta via consolidou-se como um eixo de conexão entre a nova estação ferroviária e o centro administrativo colonial. No final do século XIX, a rua destacava-se por concentrar uma parcela significativa das ligações domiciliares do sistema de abastecimento de água da cidade, evidenciando sua importância socioeconômica.



ROTA DA TIPOGRAFIA

3. LARGO DA SÉ



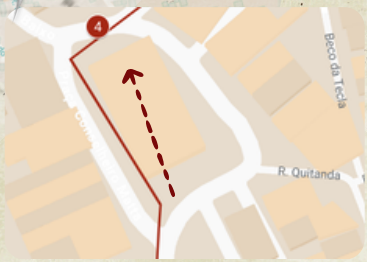
O Largo da Sé é o centro do poder religioso e político de Diamantina. Até 1932, o local abrigava a antiga Matriz colonial, que foi demolida para dar lugar à atual Catedral Metropolitana, num projeto controverso que gerou críticas de modernistas como Lucio Costa.

A Igreja Católica exercia forte hegemonia social, utilizando seus periódicos para combater o positivismo, a maçonaria e a imprensa liberal.

Ao cruzar o Largo da Sé, a impressora francesa não é apenas uma carga; é um instrumento de disputa. Ela traria a capacidade técnica (o "novo") para imprimir as ideias conservadoras ou reformistas (a "tradição" ou a "mudança") que Neves e a Igreja debatiam. A *E. Durand* materializava a chegada de uma "voz mecânica" mais potente no coração político da cidade.



Católico fervoroso, Neves transitava neste espaço de poder. Embora fosse o fundador da gráfica do Pão de Santo Antônio, ele enfrentou conflitos diretos com a hierarquia eclesiástica, que culminaram no fechamento temporário de seu jornal em 1934 e na fundação posterior do Voz de Diamantina. A passagem da máquina por este largo simboliza a disputa pelo controle da opinião pública na cidade.



ROTA DA TIPOGRAFIA

4. ESCOLA NORMAL

A passagem da máquina frente à Escola Normal reforça o vínculo entre a educação formal e a imprensa. Enquanto a escola utilizava métodos tradicionais para formar cidadãos, a máquina E. Durand trazia a possibilidade moderna de multiplicar esse conhecimento em escala, rompendo os muros da sala de aula.

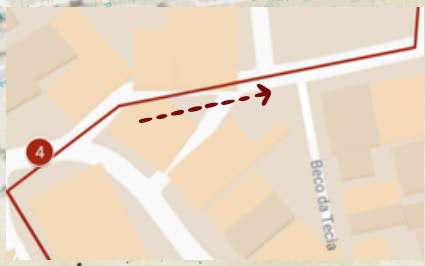




Edifício de 1733, sede da antiga Intendência dos Diamantes, foi ressignificado na República ao abrigar a Escola Normal e, posteriormente, o Grupo Escolar (1907). O prédio representava o projeto republicano de "civilização" através da instrução pública, disciplina e higiene.

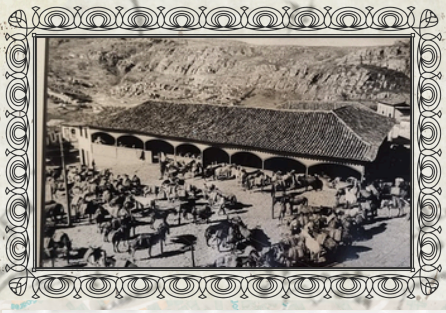
Foi neste edifício que Neves consolidou sua carreira como professor de Geografia e História a partir de 1898. Sua atuação docente ia além da sala de aula: ele produziu a obra didática *Corographia do Município de Diamantina* (1899) para ensinar aos alunos a realidade local.

A máquina tipográfica que passava por aqui serviria, sob sua gestão, como uma extensão dessa "missão pedagógica", imprimindo jornais que educavam e moralizavam a população.



ROTA DA TIPOGRAFIA

5. MERCADO VELHO



Construído em 1835 pelo Tenente Joaquim Casimiro Lages, o edifício serviu originalmente como residência e rancho privado antes de ser municipalizado em 1890.



Conhecido como "Intendência do Lages" ou Rancho de Tropas, era o centro nevrálgico do abastecimento, recebendo mercadorias do norte de Minas e do Vale do Jequitinhonha. Na década de 1930, respondia por cerca de 27% da arrecadação municipal.

Aqui, o contraste temporal atinge seu ápice. A E. Durand, uma peça de engenharia parisiense de 1862, atravessa o espaço rústico dos tropeiros. Para o mundo exterior, ela era uma antiguidade; para o Mercado Velho e para a oficina que a esperava, ela era a "nova máquina" que substituiria o trabalho manual, representando um salto tecnológico imenso em meio à economia agrária.



O pátio do Mercado, com seu piso de seixos rolados projetado para o tráfego de muares, ilustra o gargalo logístico da época. A passagem da impressora francesa por este entreposto rural evidencia a "evolução técnica dentro do atraso" (conceito de Goodwin Jr.): a modernidade gráfica chegando ao lombo de bois, atravessando o espaço da economia tradicional de subsistência.



ROTA DA TIPOGRAFIA

6. RUA DO BURGALHAU



Este trecho, com curvas fechadas e solo de cascalho solto, representou o momento mais crítico do transporte em 1920. Relatos e análises técnicas indicam a necessidade do uso de calços de madeira e cordas de contenção para evitar que as 5 toneladas da máquina deslizassem, exigindo um esforço coletivo para vencer a topografia hostil que moldou a cidade.

Identificada como a primeira rua do Arraial do Tijuco, a Rua do Burgalhau tem sua ocupação ligada à descoberta inicial do ouro. Seu nome deriva do francês burgau (cascalho), referindo-se ao material retirado do leito do rio. A via funcionava como um "filtro" entre a área de produção (cidade baixa) e a área administrativa (cidade alta).



A descida pelo Burgalhau é a penetração final da máquina na "Cidade Baixa", o berço da tradição mineradora. O peso do ferro fundido da impressora testa a resistência do solo de cascalho do século XVIII, numa metáfora física de como a modernização em Diamantina precisou negociar, metro a metro, com a sua geografia e história antigas.



7. CRUZEIRO DE BAMBÃES

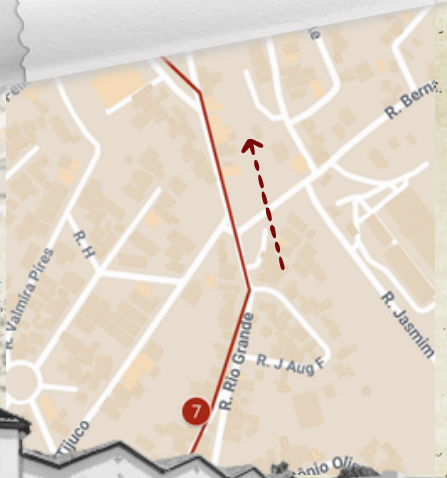


A passagem pelo Cruzeiro simboliza a superação dos obstáculos geográficos da encosta. É o ponto onde a história colonial da mineração (representada pelo marco fundacional) encontra a história da industrialização tardia (representada pela máquina impressora a caminho de seu destino final).

Situado na confluência dos rios, este ponto marca a chegada das primeiras bandeiras paulistas e o início da ocupação do território. O nome refere-se a Bernardino Vieira do Couto ("Bambães"), fundador da Capela de Nossa Senhora da Solenidade. Urbanisticamente, marca a transição física entre o centro histórico consolidado e o bairro do Rio Grande.

Ao cruzar este marco, a E. Durand deixa para trás a área nobre e administrativa para se instalar na periferia geográfica da época. Ela leva a "modernidade" da imprensa para o local de fundação da cidade, fechando um ciclo histórico: o local onde começou a extração de ouro torna-se o local onde se imprimirá a palavra.





ROTA DA TIPOGRAFIA

8. MUSEU TIPOGRAFIA



O Recolhimento dos Pobres, fundado por José Augusto Neves em 1902, foi uma resposta à exclusão social de ex-escravizados e idosos desamparados. Para sustentar a obra, Neves criou a gráfica em 1906.



A Gráfica do Recolhimento dos Pobres, produziu dois periódicos ao longo de 84 anos, o Jornal Pão de Santo Antônio no período de 1906 até 1934, tendo parado sua produção devido a um conflito da Igreja Católica com o jornalista José Augusto Neves, após querer tomar a propriedade da Gráfica e da Instituição de seu fundador. Já em 1936, inicia-se o Jornal Voz de Diamantina que foi produzido por José Neves até o ano de seu falecimento em 03 de novembro de 1955.



ROTA DA TIPOGRAFIA

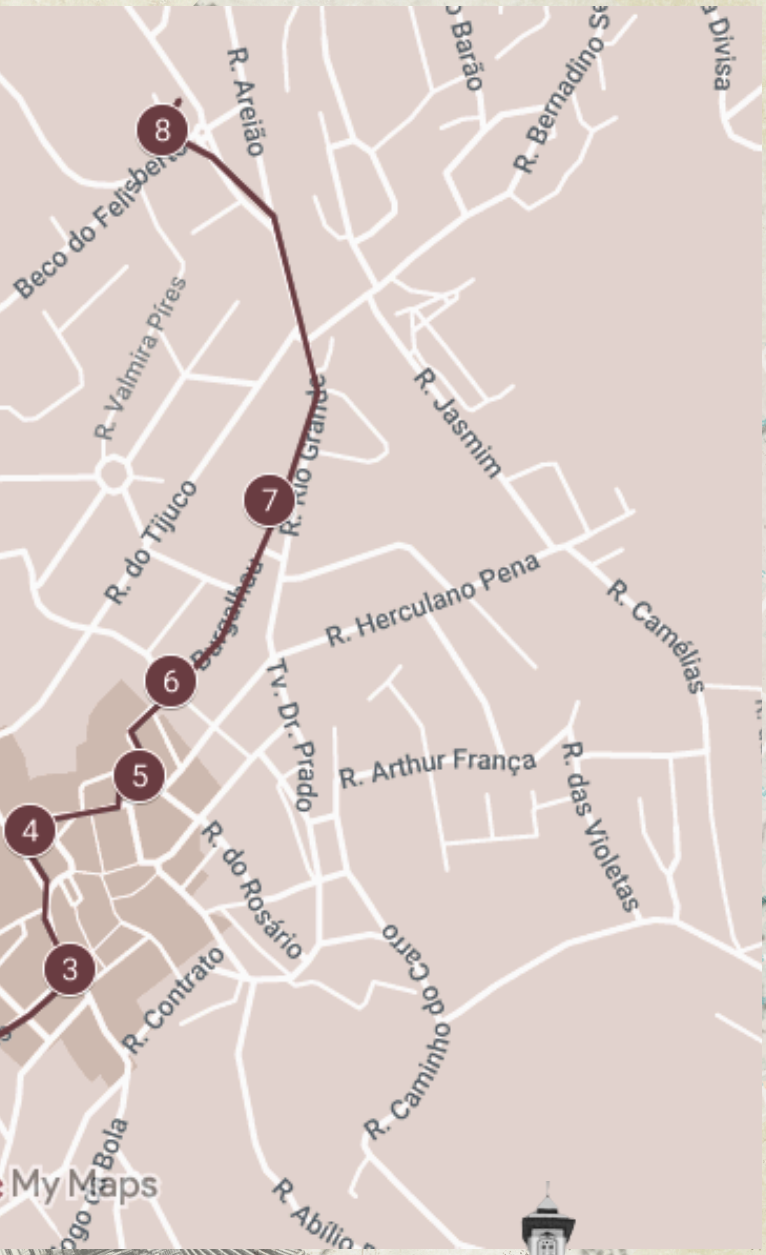


A impressora E. Durand (1862) foi montada neste espaço para substituir a antiga prensa manual "Minerva". Neste ponto, o paradoxo se resolve: embora fosse uma máquina de "segunda mão" e obsoleta para o tempo global (antiga), para a Tipografia Pão de Santo Antônio ela era absolutamente "nova". Ela permitiu a transição da tração manual para a mecânica (e depois elétrica), garantindo a sobrevivência do jornal Voz de Diamantina por 70 anos. Hoje, o Museu preserva não apenas o objeto, mas o "saber-fazer" tipográfico e a memória de uma imprensa que, sob a liderança de Neves, atuou como agente de transformação social e política em Diamantina.

ROTA DA TIPOGRAFIA



ROTA DA TIPOGRAFIA







ROTA DA TIPOGRAFIA



UFVJM

HISTÓRIAS EM REDES

PPGCH
Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas

Entenda o Roteiro Histórico Turístico Temático: Rota da Tipografia

A Rota da Tipografia começa na Estação Ferroviária, o portal de entrada do “progresso”. Fruto da articulação política de José Augusto Neves, a chegada da máquina de 5 toneladas só foi possível graças aos trilhos que romperam o isolamento geográfico da antiga região mineradora.

A descida em direção ao núcleo histórico colonial revela o primeiro grande choque logístico na **Rua das Mercês.** O trajeto exigiu que a máquina — um símbolo da reprodutibilidade técnica — fosse transportada por carros de boi sobre o calçamento irregular.

Ao cruzar o **Largo da Sé,** o percurso atinge o coração do poder religioso e político. A passagem da impressora por este espaço representa não apenas um transporte de carga, mas um ato de disputa ideológica. Como instrumento de difusão de ideias, a máquina representava a "voz mecânica" que José Augusto Neves utilizaria para dialogar e, por vezes, confrontar a hegemonia eclesiástica, transformando a técnica em ferramenta de debate público e resistência.

O itinerário segue pela antiga **Escola Normal** (e Antiga Intendência) e pelo **Mercado Velho**, evidenciando o papel pedagógico e econômico da imprensa.

Na escola, a máquina dialoga com a missão de educar a "Pequena Pátria", enquanto no Mercado, o contraste chegava ao ápice: uma engenharia parisiense atravessando um entreposto de subsistência rústico. É a materialização visual do conceito de "evolução técnica dentro do atraso", onde a sofisticação do maquinário contrasta com o lombo dos muares e o piso de seixos.

O desafio técnico final ocorre na **Rua do Burgalhau**, o marco zero da ocupação urbana. Com curvas fechadas e solo de cascalho solto, este trecho exigiu um esforço coletivo hercúleo para conter o peso do ferro fundido.

O trajeto passa pelo **Cruzeiro de Bambães** e termina no **Museu Tipografia Pão de Santo Antônio**, onde a máquina finalmente se instalou. Ali, o paradoxo temporal se resolve: embora fosse obsoleta para a Europa, a E. Durand era revolucionária para a assistência social de Neves. Ao substituir a força manual pela mecânica, ela garantiu décadas de circulação do jornal Voz de Diamantina.

Entenda a sinalização

título do roteiro histórico turístico

número do ponto

informações sobre o local

título do ponto

foto antiga

Foto recente

saiba onde é o próximo ponto



O que é Histórias em Redes?

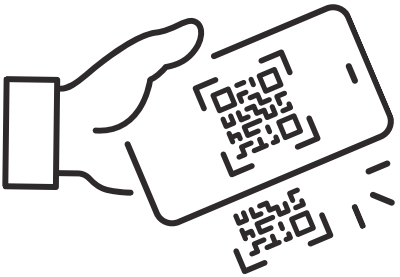
Histórias em Redes é um projeto integrador, desenvolvido na UFVJM, cujas frentes de trabalhos são variadas mas que convergem para a construção de uma "nuvem de histórias" acessível por roteiros históricos turísticos.

A proponente deste projeto, a professora doutora Vitória Azevedo da Fonseca, a partir de diversas dimensões do processo de aprendizado, vem construindo metodologias de elaboração de roteiros históricos turísticos tanto para fruição turística como para criação de espaços de experiências no âmbito escolar.

Considerando a importância do movimento, do corpo, dos afetos, da relação com a cidade, da construção de experiências nos processos de aprendizado; considerando também reflexões sobre o direito à cidade, cidades educadoras e cidades inteligentes, considerando ainda, debates em torno da História Pública e a questão patrimonial, os roteiros históricos turísticos desenvolvidos pelo Histórias em Redes traz um grande potencial de geração de experiências históricas.

Inspirado em roteiros cinematográficos e sua relação com temáticas históricas (tema da tese de doutorado da proponente) considera-se fundamental a construção de narrativas assimiláveis e percorríveis, aliada à pesquisa histórica acurada.

Acesse



acesse outros roteiros

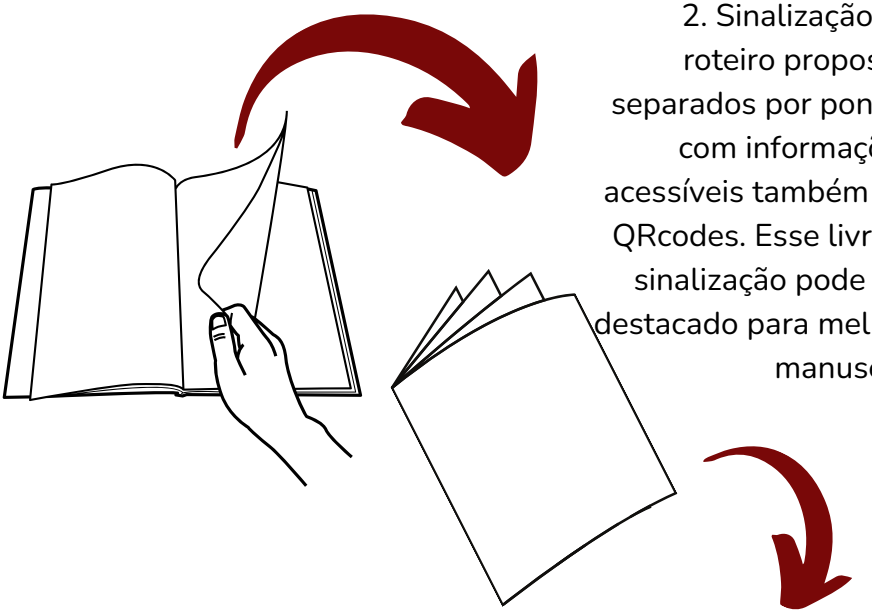
acesse a página “Rota da Tipografia”

Download deste material

Como usar

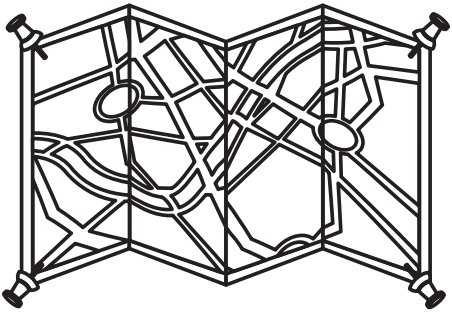
Nesta publicação você vai encontrar 3 materiais que podem ser usados juntos ou separados, conforme explicado abaixo:

1. Livreto com informações detalhadas sobre a proposta do roteiro e do projeto Histórias em Redes.



2. Sinalização do roteiro proposto, separados por pontos com informações acessíveis também via QRcodes. Esse livreto sinalização pode ser destacado para melhor manuseio.

3. No centro da publicação você encontrará um mapa geral do roteiro com os respectivos pontos a serem percorridos, com informações mais sucintas. Este material também pode ser destacado se preferir.



UFVJM

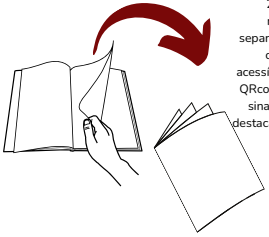
PPGCH
Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas

Como usar

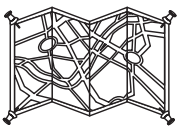
Nesta publicação você vai encontrar 3 materiais que podem ser usados juntos ou separados, conforme explicado abaixo:

1. Livreto com informações detalhadas sobre a proposta do roteiro e do projeto Histórias em Redes.

2. Sinalização do roteiro proposto, separados por pontos com informações acessíveis também via QRcodes. Esse livreto sinalização pode ser destacado para melhor manuseio.



3. No centro da publicação você encontrará um mapa geral do roteiro com os respectivos pontos a serem percorridos, com informações mais sucintas. Este material também pode ser destacado se preferir.



HISTÓRIAS EM REDES